

FACULDADE DE ENFERMAGEM NOVA ESPERANÇA DE MOSSORÓ
CURSO BACHARELADO EM ENFERMAGEM

ESROM SILVA DE MELO

**TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO:
ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELA ENFERMAGEM FRENTE AO CUIDADO À
CRIANÇA AUTISTA**

MOSSORÓ/RN

2022

ESROM SILVA DE MELO

**TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO:
ESTRATÉGIAS UTILIZADAS PELA ENFERMAGEM FRENTE AO CUIDADO À
CRIANÇA AUTISTA**

Monografia apresentada à Faculdade Nova Esperança de Mossoró – FACENE/RN – como requisito obrigatório para conclusão e obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Orientador(a): Prof. Dra. Fabíola Chaves Fontoura

MOSSORÓ/RN

2022

Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró/RN – FACENE/RN.
Catalogação da Publicação na Fonte. FACENE/RN – Biblioteca Sant’Ana.

M528t Melo, Esrom Silva de.

Transtorno do espectro do autismo: estratégias utilizadas pela enfermagem frente ao cuidado à criança autista. / Esrom Silva de Melo. – Mossoró, 2022.

45 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Fabíola Chaves Fontoura.
Monografia (Graduação em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem Nova Esperança de Mossoró.

1. Autismo. 2. Enfermagem. 3. Transtorno. 4. Síndrome.
I. Fontura, Fabiola Chaves. II. Título.

CDU 376:616-083

ESROM SILVA DE MELO

**TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO: ESTRATÉGIAS UTILIZADAS
PELA ENFERMAGEM FRENTE AO CUIDADO À CRIANÇA AUTISTA**

Monografia apresentada à Faculdade
Nova Esperança de Mossoró –
FACENE/RN – como requisito obrigatório
de bacharel em Enfermagem.

Aprovado em: 07/06/2022

Banca Examinadora

Profa. Dra. Fabíola Chaves Fontoura
FACENE/RN

Profa. Dra. Joseline Pereira Lima
FACENE/RN

Prof. Me. Diego Henrique Jales Benevides
FACENE/RN

MOSSORÓ/RN

2022

Ao senhor meu Deus
Aos meus pais, Edivan Eliodete e Maria Nazaré
A minha esposa e filhos, Élica Lira, Enzo Henrique e Davi
Lorenzo

AGRADECIMENTO

Primeiramente sou mais do que grato a “DEUS”, por sempre me aparar em todas as dificuldades, me dando discernimento e forças para que em momento algum eu desistisse do meu objetivo, e com isso ter alcançado a tão sonhada conclusão da graduação. Agradeço-o por estar sempre ao meu lado, principalmente nos momentos de estudo nas madrugadas onde se tornavam momentos de solidão

A minha irmã, amiga, companheira, namorada, esposa e tudo que um homem necessita ao seu lado, a minha abençoada “ÉLIDA” que vem me aturando a 13 anos, sou grato por cada momento e minuto ao seu lado, por sempre apoiar e tentar de alguma forma ajudar nessa caminhada árdua que trilhei ao longo desses 4 anos de graduação.

A minha mãe que sempre me apoiou de uma maneira magnífica, orando e sempre procurando fazer o melhor para ajudar de qualquer maneira. Sou grato por ela estar sempre ao meu lado acreditando que eu iria conseguir realizar esse sonho, tanto meu como também dela.

A alguns amigos que sempre me deram apoio, me deram de alguma forma um auxílio, para que não perdesse uma aula ou prova, pessoas que queriam verdadeiramente de coração que eu conseguisse alcançar o objetivo de concluir o curso, sempre serei grato e espero poder retribuir de alguma forma a todos eles.

E não poderia em hipótese alguma deixar de agradecer aos meus professores que passaram por todos os períodos da minha graduação me ensinando e dando orientações valiosas para poder me tornar um ótimo profissional após a graduação, a minha banca examinadora (DIEGO JALES e JOSELINE PEREIRA), que fizeram as correções necessárias e contribuíram acrescentando com orientações e dicas enriquecedoras, e a minha orientadora que foi de uma enorme importância, me dando dicas e orientações valiosas, me mostrando os melhores caminhos para que eu não tivesse tanta dificuldade durante a construção do estudo, mesmo eu dando alguns deslizes durante a construção ela teve paciência e procurou sempre ajudar de alguma forma, e por fim que eu conseguisse concluir o meu estudo, serei eternamente grato à “FABIOLA CHAVES” por toda paciência e dedicação durante essa árdua caminhada.

RESUMO

O trabalho aqui apresentado explorou estudos que apresentavam estratégias de ação, promoção e tratamento, utilizadas pela enfermagem frente ao atendimento ao autista, que são de enorme relevância para a assistência dessa população, uma vez que o enfermeiro tem o primeiro contato direto com o autista já avaliando as principais características e dificuldades do autista, já tentando entender e visando as principais e melhores estratégias para aquele atendimento, sendo que o TEA demonstra um leque de barreiras e dificuldades. O TEA trata-se de um distúrbio do neurodesenvolvimento, que se caracteriza por dificuldades constantes na comunicação social e na interação social em diversos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Teve como objetivo identificar as estratégias utilizadas pela enfermagem frente ao atendimento às crianças com TEA de acordo com as evidências científicas. Foi realizada uma revisão integrativa a partir da questão de pesquisa: Quais as estratégias utilizadas pela enfermagem frente ao atendimento às crianças com TEA, de acordo com as evidências científicas? nas bases de dados eletrônicas para que se consiga responder à questão norteadora: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), LILACS e SCIELO, buscando achados científicos, foram utilizados os seguintes descritores: “enfermagem”, “autismo”, “transtorno” e “TEA”, que foram extraídos de acordo com os descritores em ciência da saúde (Decs), ligados através do conector booleano AND. Os principais critérios estabelecidos para inclusão foram: artigos completos nas bases de dados citadas, disponíveis online, em português, no período dos últimos dez anos (2012 a 2022) e que atendessem às necessidades do estudo. Já os critérios de exclusão: qualquer tipo de carta, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e editoriais. Foram buscadas as estratégias utilizadas pela enfermagem que contribuiriam para uma melhor qualidade de vida do autista, e que educaram os familiares referente ao transtorno. Os dados colhidos foram apresentados em quadros trazendo as seguintes informações pertinentes: periódico/ano, título, autores, tipo de estudo e de amostra, títulos, principais desfechos e objetivo das publicações das bases de dados BVS, LILACS e SCIELO. Os estudos mostraram que o enfermeiro tem participação direta frente ao atendimento a pessoa diagnosticada com autismo, com isso desenvolvendo estratégias como, educação continuada e intervindo no atendimento, como também é responsável por prestar esclarecimentos assim como apoio aos familiares dos mesmos, com isso o enfermeiro é de grande importância para o atendimento a esta população. Os estudos mostram estratégias de promoção, detecção e ação em saúde utilizadas pelos enfermeiros relacionadas a sinais e sintomas do transtorno em que são de enorme relevância no auxílio ao autista.

Palavras-chaves: autismo, enfermagem, transtorno e síndrome

ABSTRACT

The work presented here explored studies that presented strategies of action, promotion and treatment, used by nursing in the face of autistic care, which are of enormous relevance for the assistance of this population, since the nurse has the first direct contact with the autistic person. evaluating the main characteristics and difficulties of the autistic, already trying to understand and aiming at the main and best strategies for that service, and the ASD demonstrates a range of barriers and difficulties. ASD is a neurodevelopmental disorder that is characterized by constant difficulties in social communication and social interaction in different contexts, including deficits in social reciprocity, in non-verbal communication behaviors used for social interaction and in skills to develop, maintain and understand relationships. It aimed to identify the strategies used by nursing in the care of children with ASD according to scientific evidence. An integrative review was carried out based on the research question: What are the strategies used by nursing in the care of children with ASD, according to scientific evidence? in the electronic databases in order to answer the guiding question: Virtual Health Library (VHL), LILACS and SCIELO, seeking scientific findings, the following descriptors were used: "nursing", "autism", "disorder" and "ASD" ", which were extracted according to the descriptors in health science (Decs), connected through the boolean connector AND. The main criteria established for inclusion were: complete articles in the aforementioned databases, available online, in Portuguese, in the period of the last ten years (2012 to 2022) and that met the needs of the study. The exclusion criteria: any type of letter, course conclusion works, dissertations, theses and editorials. Strategies used by nursing that contributed to a better quality of life for the autistic and that educated the family regarding the disorder were sought. The collected data were presented in tables with the following pertinent information: journal/year, title, authors, type of study and sample, titles, main outcomes and purpose of publications in the VHL, LILACS and SCIELO databases. The studies showed that the nurse has a direct participation in the care of the person diagnosed with autism, thus developing strategies such as continuing education and intervening in the care, as well as being responsible for providing clarification as well as support to their families, with this the nurse is of great importance for serving this population. The studies show health promotion,

detection and action strategies used by nurses related to signs and symptoms of the disorder in which they are of enormous relevance in helping the autistic.

Keywords: autism, nursing, disorder and syndrome

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA	American psychiatric association
APAE	Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais
CDC	Center of Disease Control
CID	Código internacional de doença
TEA	Transtorno do espectro autista
DECS	Descritores em ciência da saúde

LISTA DE QUADROS

Quadro 01. Descrição de periódico, ano, título, autores, tipo de estudo e de amostra e objetivo das publicações das bases de dados BVS, LILACS e SCIELO.

Quadro 02. Descrição dos periódicos/ano, títulos, base de dados e principais desfechos dos artigos nas bases de dados BVS, LILACS e SCIELO.

LISTA DE FIGURA

Figura 01. Fluxograma utilizado na seleção de artigos.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	15
2.1 RESGATE HISTÓRICO DO TEA.....	15
2.2 O CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA VIVENDO COM TEA	19
2.3 O CUIDADO MULTIPROFISSIONAL À CRIANÇA COM TEA.....	21
3. METODOLOGIA.....	23
4. RESULTADOS.....	25
5. DISCUSSÃO.....	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos vem-se percebendo que as crianças estão apresentando diversas doenças que envolvem alterações em seu desenvolvimento cognitivo, comportamental, além de outros fatores extrínsecos no ambiente que prejudicam esse processo de desenvolver de forma saudável. Dentre várias condições tem-se o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

O TEA trata-se de um distúrbio do neurodesenvolvimento, que se caracteriza por dificuldades constantes na comunicação social e na interação social em diversos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Além dos déficits apresentados, seu diagnóstico é clínico, através da observação direta do paciente, coleta de informações com pais ou responsáveis, a aplicação de escalas, questionários e requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Tendo em vista que as manifestações podem ser encobertas por métodos compensatórios, elas se modificam com a sua evolução, as avaliações dos diagnósticos podem ser preenchidos de acordo com os conhecimentos anteriores, independentemente que a introdução atual deva causar danos significativo (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

A pessoa diagnosticada com o transtorno autista carece de uma assistência multidisciplinar. A assistência de Enfermagem deve ajudar na promoção da evolução do autista, e é de grande relevância na prestação do cuidado, contribuindo para a aquisição às informações sobre o transtorno e desenvolvendo ações que promovam o bem-estar do paciente e do seu familiar direcionando-os aos serviços de saúde essenciais (LORENZINI, 2015).

Segundo CAETANO; GURGEL (2018), na publicação do site a Rede de Monitoramento de Autismo e Deficiência do Desenvolvimento dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (Center of Disease Control - CDC), o TEA teve um crescimento de cerca de 30% de 2012 para 2014, os números passaram de 1/88

crianças em 2012 para 1/45 em 2014, numa proporção cinco vezes maior para o sexo masculino, sendo 1/54 homens para 1/252 mulheres, já em 2015 houve uma prevalência de 14,7 crianças para 1000 habitantes (1 em 45), sendo 1 menino para 45 e 1 menina para 189 meninas.

O autismo é dividido em três níveis conforme a assistência fundamental: nível 1, que exige suporte mais leve; nível 2, que depende de apoio medicamentoso, já necessita de um suporte moderado; nível 3, onde já é necessário suporte extremo em todos os momentos. Perante este ponto de vista, compreende-se que os déficits relacionados ao TEA provocam danos em muitos fatores da vida sejam estes pessoais, profissionais ou acadêmicos, e diferem entre restrições específicas no processo de aprendizagem até déficits em habilidades sociais resultando, conseqüentemente, apoio multiprofissional (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014).

Segundo BRASIL (2012) apud MAGALHÃES et al (2020), no Brasil, profissionais de saúde, educação, pais e familiares são cidadãos que alcançaram a conquista dos direitos essenciais da pessoa com TEA por meio de uma política específica. A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista é instituída pela Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, e garante a pessoa com TEA o direito à vida digna, a integridade física e moral, o livre desenvolvimento da personalidade, a segurança, lazer e a proteção contra qualquer forma de abuso e exploração.

O enfermeiro enquanto integrante da equipe multiprofissional, através de observações, pode contribuir de forma favorável e significativa ao acompanhar o comportamento da criança com TEA, através, inclusive da consulta que investiga o crescimento e desenvolvimento e, assim, amparar os pais dando total apoio e informações, com o intuito de elaborar procedimentos assistenciais que utilizaram, em conjunto com a família, no processo do cuidar (SENA, et al, 2015).

Cuidar da criança autista requer do profissional de enfermagem um crescimento de habilidades, dedicação, conhecimento teórico e prático e estratégias de cuidado individualizado. Desta forma, a administração e as ações devem ser planejadas e ajustadas indo ao encontro do grau do transtorno, que requer desde

uma intervenção farmacológica à atenção multiprofissional centrada na integralidade da criança. O enfermeiro é de uma enorme importância na assistência ao paciente com suspeita ou diagnóstico confirmados de autismo, para identificar seus principais sinais e sintomas, e identificar os principais medicamentos e terapêuticas utilizadas no seu tratamento (MELO, et al, 2016).

A escolha do tema aqui proposto se deu devido o pesquisador ser conhecedor de algumas famílias onde contém um membro autista, sendo assim conhecedor das dificuldades encontradas pela família. Desta forma este estudo traz a perspectiva de mostrar os meios utilizados pela enfermagem para lidar com crianças com TEA e contribuir para um melhor atendimento à estas crianças, facilitando a interação entre estes.

Por haver poucos estudos e publicações sobre o assunto, se faz necessário mais pesquisas sobre o tema abordado, proporcionando mais conhecimentos aos profissionais e ampliando cada vez mais a visão do profissional de enfermagem, visando ajudar e facilitar o atendimento deste frente ao cuidado as crianças com TEA.

Diante do contexto supracitado surgiu a seguinte questão de pesquisa: quais as estratégias utilizadas pela enfermagem frente ao atendimento às crianças com TEA, de acordo com as evidências científicas?

As literaturas ao que diz respeito ao tema “transtorno do espectro do autismo” visam abordar da forma mais clara possível a temática, porém ainda existem poucos trabalhos relacionado ao tema.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é identificar as estratégias que a enfermagem utiliza frente ao atendimento às crianças com TEA de acordo com as evidências científicas.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. RESGATE HISTÓRICO DO TEA

Com a sua descoberta na década de 40 uma enorme quantidade de estudos fora publicada, trazendo com isso uma grande importância sobre o tema abordado, variando de acordo com cada continente estudado (LUKE, 2014).

Segundo Bercherie (1998) apud Brasil (2015), no passado da psiquiatria, no final do século XVIII para o início do século XIX, o diagnóstico de “idiotia” predominava sobre o campo da psicopatologia de crianças e adolescentes. Com isso, a idiotia pode ser considerada pioneira não só do atual retardo mental, mas das psicoses infantis, da esquizofrenia infantil e do autismo. Ao redor da imagem do “idiota” ou do “débil mental” cresceu um debate ligado à impossibilidade de tratamento pelo método moral – posição de Pinel – e à tentativa na melhoria a partir do método clínico-pedagógico. Nesta última colocação, elaborada pelo francês Jean Itard, iniciou-se uma fértil tradição, que se prolongou à beira do campo médico-psiquiátrico, que é a da educação especial, onde todos esses debates trouxeram inúmeras contribuições para o tema.

O psiquiatra Eugen Bleuler começou a utilizar o termo esquizofrenia a partir de 1906, conceituando sua diferenciação das ideias de Kraepelin, sendo que, para aquele, o transtorno não se enquadra apenas a uma enfermidade, mas a um grupo ainda não definido de condições com um foco universal. Com isso, Bleuler evidencia os primeiros sinais como irreduzíveis à compreensão psicológica e que possibilitam a descoberta da patologia (PEREIRA, 2000).

Os primeiros sintomas se referem à desagregação das ligações entre as funções psíquicas, quebrando a unidade do eu e colocando em jogo a exigência de reparação da integração perdida a ser apontada pelos sintomas secundários. Que representam os acometimentos de amparar um estado psíquico torturante de descontinuidade da unidade do eu, como a modificação do curso do pensamento, as alucinações, a insegurança afetiva e a incoerência mental (SILVA, 2006).

É de grande importância conhecer que os estudos se voltaram de uma maneira ainda mais concreta na definição dos sintomas em pessoas com autismo, e atualmente, as pesquisas têm focado na etiologia e na fisiopatologia neurológica das manifestações do comportamento. Os estudos com referência à etiologia mostram a insistência de fatores genéticos e neurobiológicos. Deve-se destacar que, a etiologia do autismo não está determinada, sendo relacionadas associações com modificações genéticas, acidentes pré-natais e perinatais, infecções, além de casos ligados a outras síndromes neurológicas (RAPIN; TUCHMAN, 2009).

De acordo com ASSUMPÇÃO e PIMENTEL (2000) apud Kanner (1942), Leo Kanner descreveu no ano de 1942 sob o nome “distúrbios autísticos do contacto afetivo”, um estado descrito por autismo extremo, obsessividade, estereotipias e ecolalia. Tais sinais foi visualizado pelo psiquiatra como uma doença específica pertinente a fenômenos da linha esquizofrênica.

Segundo ASSUMPÇÃO e PIMENTEL (2000) apud Kanner (1956), ao longo do tempo, este psiquiatra continuou descrevendo o quadro como uma “psicose”, expondo que todos os exames clínicos e laboratoriais foram incapacitados de oferecer dados constantes no que se confrontavam à sua etiologia, separando-o dos quadros deficitários sensoriais, como a afasia congênita, e dos quadros ligados às oligofrenias, novamente considerando-o uma verdadeira psicose.

É recorrente da tríade proposta por Lorna Wing (comunicação, socialização e comportamento), a qual, nos dias de hoje é vista como uma díade (comunicação e interação social e padrões repetitivos e restritos de comportamento), que analisamos as crianças com TEA. Em seguida a esse diagnóstico, ainda perduram dúvidas sobre como se desenvolvem ao longo da vida do paciente, visto que o TEA tem curso crônico (MOLLERKE, 2017).

Ao longo de toda história do autismo compreendemos que o termo, desde meados do século XX, foi atribuído a diagnósticos de esquizofrenia adulta, especialmente a necessidade de solidão, de rotina e a omissão de importância nas pessoas. Porém, a começar das noções do Dr. Kanner em uma turma variada de oito meninos e três meninas, na qual cada grupo com suas peculiaridades, o autismo passou a ser conferido em caso específico de comprometimento do

desenvolvimento cognitivo e social, por conseguinte, modificando a percepção que havia antes (MARIA, 2019).

Pertinente ao tema dos avanços e retrocessos, salienta-se, no Brasil, a constituição e aprovação da Lei 12.764 (Lei Berenice Piana), de 27 de dezembro de 2012, que institui a Política Nacional de Proteção da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. A mencionada legislação começou a tomar o autista, com finalidade de lei, como pessoa com deficiência (BRASIL, 2012).

Esse acontecimento nos elenca várias consequências, tanto na área científica quanto social, uma vez que pais de autistas tiveram enorme envolvimento para a criação e aprovação da lei mencionada (SILVEIRA, 2019).

Por vários e diferentes motivos, no Brasil as políticas governamentais iniciais direcionadas para indivíduos com a síndrome autista e seu diagnóstico teve um crescimento demorado até aparecer uma política pública de saúde mental que englobasse essas crianças e adolescentes no começo do século XXI. Nas dadas circunstâncias, a população mencionada só encontrava assistência nas instituições filantrópicas, como por exemplo, a Associação Pestalozzi e a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), assim como as não governamentais, propriamente desenvolvidas por familiares de crianças com TEA (OLIVEIRA, 2018).

Desde a década de 40 até os dias mais recentes, tivemos grandes e relevantes mudanças em relação aos padrões para diagnóstico e conceito de autismo. Na última versão do Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders-DSM (Manual Estatístico de Transtornos Mentais), de 2014, o autismo é determinado como Transtorno do Espectro Autista (TEA) e é definido pela presença de dificuldades persistentes na comunicação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades – sintomas que se manifestam no período da infância (PINHEIRO, 2020).

A cada ano que vem se passando observou-se que a especificação no modelo categórico era inadequada, sendo bem melhor a abordagem como um espectro único, cujas características e sintomas mudam ao longo de um continuum. No espectro, há uma grande diversidade em modos de comportamento, cognição, desenvolvimento motor e comunicação (Schmidt, 2017).

A partir desse ponto de vista, entende-se que o autismo possui várias definições de acordo com os pensamentos teóricos de que partem seus autores, onde esta ideia está sempre em evolução, e apesar do conceito utilizado ou até mesmo da nomenclatura que se utilize, o mais considerável é atendê-los, isto é, a todo momento deve ser levado em consideração as deficiências da criança, sejam elas educativas ou não. Para isto destacamos a importância de uma observação individual que proporcione conhecer a fundo a criança com TEA, suas particularidades e suas especificidades (RAME, 2020).

Mesmo que a equipe multidisciplinar possa distinguir as prováveis possibilidades no padrão de comportamento e ajudar nos diagnósticos, o Brasil utiliza o CID-10- Código Internacional de Doenças para fechar o diagnóstico do autismo. Com isso, o CID-10 classifica o TEA em diferentes tipos e níveis (APARECIDA, 2019).

Como o Autismo Infantil é definido como uma anormalidade no desenvolvimento da criança que se manifesta antes dos três anos de idade, onde as disfunções se tornam mais visíveis no comportamento e as alterações sociais repetitivas, revelando sintomas, tais como: perturbações do sono, agressividade, além de outros, já o Autismo Atípico, nesse caso, a criança apresenta comportamentos anormais após os três anos de idade e não revela manifestações nos três domínios da interação fisiopatológica, então os sintomas podem variar de acordo com o nível (APARECIDA, 2019).

Ainda não se tem dados estatísticos ou informações que possam mostrar a prevalência do autismo no Brasil, a suposição é de 10% a 20% de crianças e adolescentes que são acometidos por esse transtorno e que 4% desses habitantes carecem de atenções específicas para uma pessoa com TEA (NASCIMENTO, 2018).

2.2. O CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA VIVENDO COM TEA.

A criança quando acometida pelo TEA demonstra necessidades especiais que necessitam ser compreendidas e respeitadas, sendo que precisa de procedimentos que devem ser feitos por pessoas qualificadas e conhecedoras do tema. Então assim haverá a probabilidade de diminuir o afastamento entre o portador do transtorno e o enfermeiro (FLÁVIA, 2018).

Regularmente a família manifesta variadas reações, como aceitação, preocupação, sofrimento, negação, sensação de impotência e previsão de momentos turbulentos. De acordo com a descrição, o hábito da família sofreu grandes mudanças devido ao cuidado e atenção dispensados à criança, dentre elas a precisão de desistir das atividades profissionais. No que se refere às adversidades enfrentadas, o compromisso financeiro foi citado como maior problema. A situação financeira da família mudou o direcionamento, pois a criança necessita de tratamentos, e ainda acompanhado da perda do emprego de alguém da casa que precisará acompanhar a criança (ROSA, 2019).

Como o autismo acontece já nos primeiros anos de vida caso contrário não é autismo, o diagnóstico rápido é de grande importância para uma ação a tempo de mudar a evolução da criança. Quanto mais rápido iniciar a estimulação, maiores serão os índices de mudanças no quadro do transtorno. Por isso, é indispensável um diagnóstico distinto, porque, apenas, exames orgânicos não identificam o autismo, é necessário a avaliação multiprofissional. Depois, a análise precisa ser feita detalhadamente para que não haja nem uma dúvida quanto a prováveis comorbidades como autismo e surdez, autismo e Síndrome de Down e autismo e cegueira. É habitual na primeira queixa dos pais de crianças com o transtorno autista, a referência da pouca ou da ausência de comunicação pré-verbal e verbal por parte dos filhos. É habitual, também, que os pais providenciem auxílio para

criança autista, supondo que seu filho apresente, somente, a perda auditiva (MARTINS, 2013).

Para que a criança autista possa ter um bom desenvolvimento durante o seu crescimento, tem alguns tratamentos para poder auxiliar, algumas delas são: terapia ocupacional (para coordenação motora), orientação e terapia para os pais, procurar sempre a estimulação precoce, fonoaudióloga (para trabalhar comunicação verbal e não verbal) e a psicologia (para trabalhar a interação social, padrões repetitivos, limitações: amenizar os riscos de depressão e suicídio), tudo isso para um melhor desenvolvimento dessa criança (DALVA, 2012).

O transtorno é classificado em níveis de acordo com a assistência demandada: nível 1, exige suporte; nível 2, requer apoio substancial; e nível 3 que infere em suporte extremo em todos os momentos. Desse ponto de vista, entende-se que os déficits ligados ao autismo acabam em prejuízos em muitos aspectos da vida sejam estes pessoais, acadêmicos ou profissionais e variam entre limitações específicas no processo de aprendizagem até déficits globais em habilidades sociais implicando, portanto, apoio multiprofissional (MACÊDO et al., 2020).

BRITO (2021) apud MANDY; LAI (2016), referência que segundo estudos os fatores genéticos são prováveis causas do TEA, tendo em vista que a estrutura genética do TEA é constituída por centenas ou até milhares de genes, que podem sofrer condições ambientais, como, prematuridade e desnutrição ao nascer, pais com idade avançada ao gerar o filho, ausência extrema de cuidados com a criança, tratamento com algum medicamento no decorrer do pré-natal.

Em referência ao método de ensino e aprendizagem de crianças com TEA, antes de tudo é fundamental uma assistência individual para que sejam feitas as observações necessárias, com a finalidade de oferecer informações que auxiliem o professor na elaboração e no desenvolvimento das atividades de intervenção pedagógica. Sendo assim, todo o processo deve ser principalmente centralizado na criança e não apenas em suas necessidades, deve-se priorizar suas necessidades e suas capacidades, proporcionando à criança um ambiente com estímulos afetivos, sensoriais e cognitivos (RAME, 2020).

Sendo assim, seguindo a hipótese que o aluno sempre aprende, portanto, a criança com TEA também aprende, uma vez que a aprendizagem é uma característica do ser humano, para esse fim é indispensável os estímulos necessários (CUNHA, 2016).

Uma grande parte dos estudiosos concorda que uma equipe de avaliação e diagnóstico é necessário ter em sua formação pediatra, psiquiatra, psicólogo, fonoaudiólogo e terapeuta ocupacional. De acordo com a idade e os resultados das avaliações, a criança é direcionada ainda para avaliações com o neurologista, fisioterapeuta e geneticista (FLÁVIA et al., 2017).

2.3 O CUIDADO MULTIPROFISSIONAL À CRIANÇA COM TEA.

O autista já diagnosticado precisa de uma assistência multidisciplinar. E o acompanhamento da enfermagem é indispensável na contribuição para esse cuidado, dando assistência na promoção do progresso da criança, contribuindo para o acesso às informações referentes ao transtorno e promovendo ações que favoreçam para uma melhor qualidade de vida para o paciente e sua família encaminhando-os aos serviços necessários (FÁTIMA, 2019).

De início se fará o diagnóstico que deve ser realizado por um profissional qualificado e treinado, através de conversas com os pais e com a própria criança, para detectar sinais e sintomas, dentre eles: o aspecto social onde a criança tem dificuldade de se socializar com as pessoas, linguagem e comunicação, como por exemplo, a criança que tem dificuldade em se comunicar com a fala, o aspecto da imaginação e a criança tem dificuldade de brincar principalmente com outras crianças (OAB, 2015).

Segundo OIVEIRA (2018), torna-se essencial a elaboração de técnicas, para um fortalecimento para que haja uma conexão com o profissional da saúde. Porém, referente a comunicação, encontra-se uma enorme dificuldade por parte de alguns profissionais, acontecido que se dá principalmente com crianças no desenvolvimento comunicativo.

Existem algumas peculiaridades apresentadas pela pessoa autista que necessitam ser identificadas e respeitadas, com isso precisa de profissionais especializados e informada do assunto em questão. Deste modo haverá uma probabilidade de amenizar o distanciamento entre o enfermeiro e a criança com o transtorno (FLÁVIA et al., 2017).

É de extrema importância uma boa ligação entre a pessoa autista e o profissional de enfermagem, sendo que muitas vezes existirá uma certa dificuldade da expressão oral dele, entrando aí o olhar cuidadoso do enfermeiro, a escuta e contribuição com a assistência diferenciada do profissional. É indispensável uma análise além do que os olhos conseguem enxergar, porque cuidado exige está atento, e se preocupar com o outro, sendo esse, o sentido para o cuidado à vida humana (LORENZINI, 2015).

No combate as dificuldades que aparecem no decorrer do tratamento ao autista, é papel do enfermeiro ajudar aos pais, relatando as informações corretas referente ao que realmente é o transtorno, motivando-os a procurar mais conhecimentos sobre o assunto, quais as mais eficazes formas de tratamento e outras ajudas que achar necessário. Procurar um instituto onde se ofereça um acompanhamento mais particular em certas situações é a melhor escolha dependendo do grau da situação. Os TEA que demonstram uma eficiência mais alta podem manifestar aptidões em áreas definidas do entendimento com características de genialidade. Por motivos como esse é que os profissionais envolvidos a essas pessoas carecem dispor de senso de responsabilidade, já que o autismo é possível ser considerado o mais atuante dentre esses transtornos, com probabilidade, inclusive, de estar crescendo em frequência nos estudos epidemiológicos recentes (FONSECA, 2011).

Segundo MACÊDO, et al., (2020) apud HOPF (2016), cuidar da pessoa com TEA requer do profissional de saúde o desenvolvimento de habilidades, conhecimento e estratégias de cuidado específicos. Portanto, as atuações e o manejo devem ser definidos e programados dirigindo-se ao encontro do grau do transtorno, que exige desde uma intervenção farmacológica à atenção multiprofissional centrada na integralidade da pessoa.

Compreende-se que compete ao profissional de enfermagem contribuir de forma proveitosa na assistência da criança durante a consulta, não se limitando a análise do crescimento e desenvolvimento. Diante do ponto de vista de acolhimento e integralidade do cuidado a equipe de enfermagem precisa entender como lidar diante da criança, família e comunidade (MACÊDO et al., 2020).

3. METODOLOGIA

Neste estudo aqui apresentado, foi feito uma revisão integrativa que é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, podendo utilizar-se de estudos tanto experimentais, como não-experimentais para uma instrução como um todo do estudo em questão. Onde o principal objetivo foi selecionar estudos e extrair os aspectos mais importantes para a pesquisa, com a probabilidade da união da literatura teórica e empírica na construção de uma revisão integrativa que foi baseada em seis etapas de acordo com (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010):

1° etapa: Fase mais importante onde se define a pergunta que irá nortear toda a pesquisa.

2° Fase: Pesquisa nas bases de dados com critérios de amostragem precisos sobre a literatura.

3° Fase: A coleta e extração de dados dos artigos a selecionar.

4° Fase: Análise crítica dos estudos a selecionar.

5° Fase: Apresentar resultados obtidos.

6° Fase: Conclusão da revisão integrativa compilada.

O estudo apresentado buscou responder a seguinte questão da pesquisa: Quais as estratégias utilizadas pela enfermagem frente ao atendimento à criança com TEA?

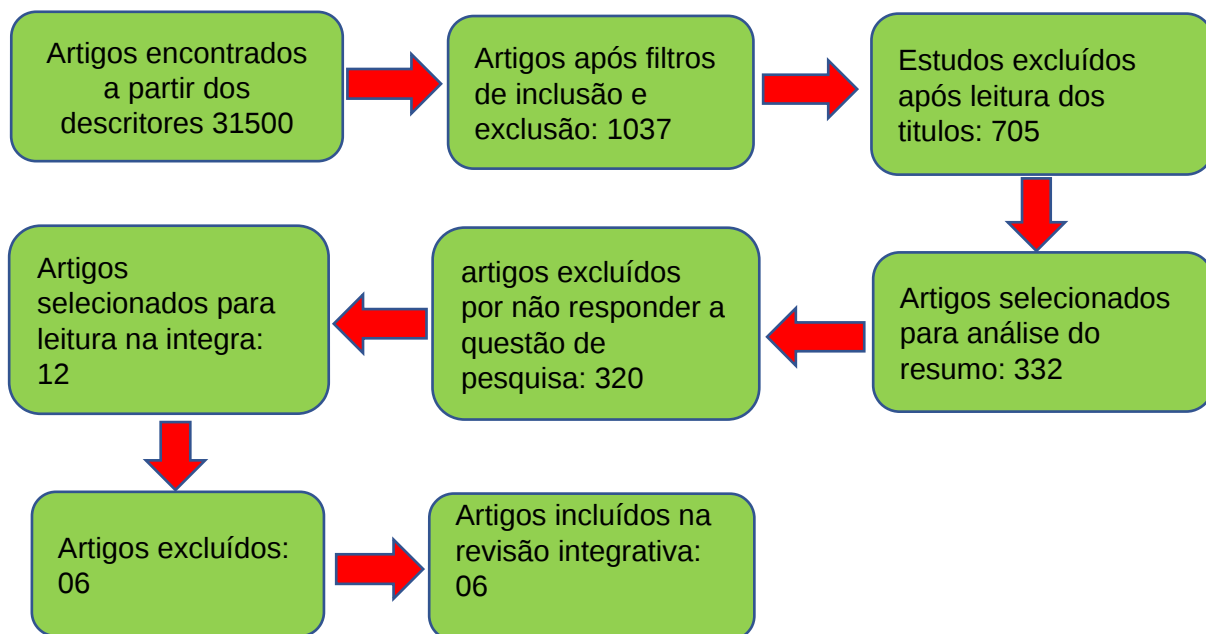
Foram acessadas as seguintes bases de dados eletrônicas para que se consiga responder à questão norteadora: Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), LILACS e SCIELO, buscando achados científicos, utilizando os seguintes descritores: “autismo”, “enfermagem”, “transtorno” e “TEA”, extraídos de acordo com os descritores em ciência da saúde (Decs), ligados através do conector booleano AND.

Os principais critérios estabelecidos para inclusão foram: artigos completos nas bases de dados citadas, disponíveis online, em português, no período dos últimos dez anos (2012 a 2022) e que atenda às necessidades do estudo. Já os critérios de exclusão: qualquer tipo de carta, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses, editoriais, pesquisas e artigos que não correspondesse ao tema e a questão norteadora do estudo.

Todo levantamento nas bases de dados foi feito entre o período de fevereiro a março de 2022, conseqüente aos critérios estabelecidos. Primeiro se fez a leitura dos títulos e resumos dos estudos pesquisados, extraindo apenas os que foram incluídos nos resultados de pesquisa. Foram selecionados dos estudos científicos os autores, o ano de publicação, o período, o título, tipo de estudo, objetivo e os principais resultados. Logo após foram feitos quadros que mostraram os resultados de pesquisa, onde foram discutidos de acordo com a literatura pertinente.

A quantidade de material disponível a partir das três bases de dados foram 31.500 artigos. Destes, ao serem utilizados os padrões de inclusão e exclusão, coletou-se 1.037 artigos para leitura dos títulos. Em seguida à leitura dos títulos foram selecionados 332 artigos para análise do resumo. Logo após a leitura dos resumos, foi perceptível que alguns estudos não tratavam da temática, excluindo-se mais 320 artigos. Depois de uma releitura mais aprofundada, existiu a necessidade de se retirar mais 4 artigos. Ao fim, ficaram 6 artigos que foram incluídos na revisão integrativa. Na figura 01 abaixo encontra-se o percurso para a escolha dos artigos.

Figura 01. Fluxograma utilizado na escolha dos artigos.



4. RESULTADOS

De forma a entender os achados desta pesquisa, os resultados foram distribuídos em dois quadros. Dessa forma, foram retirados alguns dos principais elementos de cada artigo selecionado. Elementos como o título do artigo, sua autoria, seus objetivos, principais desfechos, periódico e ano de publicação, tipo de estudos método e objetivo.

Quadro 1. Descrição de periódico, ano, título, autores, tipo de estudo e de amostra e objetivo das publicações das bases de dados BVS, LILACS e SCIELO. Mossoró, RN-Brasil, 2022.

PERIÓDICOS/ ANO	TÍTULO	AUTORIA	TIPO DE ESTUDO	OBJETIVO
Revista Baiana de enfermagem/2019	Transtornos autísticos e estratégias promotoras de cuidados: Revisão integrativa	VILAE, et al.	Revisão integrativa de literatura na base de dados LILACS e na SCIELO.	Analisar a produção científica brasileira recente TEA, identificando as estratégias

				de cuidados investigadas
Revista Gaúcha de enfermagem/2016	Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.	PINTO, et al.	Estudo qualitativo.	Analisar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto deste nas relações familiares.
Revista Baiana de enfermagem/2018	Transtorno do espectro autista: Detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família.	NASCIMENTO , et al.	Pesquisa descritiva, explorativa qualitativa.	Identificar a atuação do enfermeiro da estratégia saúde da família na detecção precoce do transtorno do espectro autista em crianças.
Revista saúde e pesquisa -PR/2018	A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.	ALMEIDA, et al.	Estudo descritivo, tipo relato de experiência, baseado em uma vivência do estágio	Descrever uma reflexão acadêmica acerca da enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente

			acadêmico.	escolar.
Revista de atenção primária à saúde (APS)/2021	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras.	CORRÊA, Isabela Soter; GALLINA, Fernanda; SCHULTZ, Lidiane Ferreira	Pesquisa descritiva, qualitativa.	descrever o conhecimento da enfermeira da Estratégia da Saúde da Família (ESF) sobre indicadores para a triagem do TEA e sua experiência na aplicabilidade na consulta de puericultura.
Revista de pesquisa cuidado é fundamental online/2015	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil;	SENA, et al.	Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa.	Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da estratégia saúde da família acerca do transtorno autístico.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022

Baseado no quadro apresentado foi identificado que dos 6 artigos selecionados, 50% foram retirados da área da enfermagem e 50% da saúde pública e coletiva. Em referência ao ano de publicação observou-se que no ano de 2018 foram 33% das publicações, os 67% restantes, divididos entre os anos de 2015, 2016, 2019 e 2021. Já em relação ao tipo de estudo, 66% equivalia a estudos descritivos de abordagem qualitativa.

Quadro 2. Descrição dos periódicos/ano, títulos, base de dados e principais desfechos dos artigos nas bases de dados BVS, LILACS e SCIELO. Mossoró, RN-Brasil, 2022.

PERIÓDICOS/ANO	TITULO	BASE DE DADOS	PRINCIPAIS DESFECHOS
Revista Baiana de enfermagem/2019	Transtornos autísticos e estratégias promotoras de cuidados: Revisão integrativa	LILACS	Na estratégia saúde da família, o enfermeiro é um dos responsáveis pela avaliação de crescimento e desenvolvimento, uma ação de puericultura realizada. Esse profissional deve, portanto, estar apto para reconhecer alterações sugestivas de transtornos autísticos,

			contribuindo para o diagnóstico precoce e o estabelecimento de medidas interventivas.
Revista Gaúcha de enfermagem/2016	Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares.	SCIELO	Compreendeu-se a importância de que todos os esclarecimentos necessários sejam realizados e que todas as dúvidas e anseios dos familiares envolvidos neste momento sejam minimizados e que os profissionais de saúde, entre eles o enfermeiro saiba implementar estratégias de aceitação. Diante disso, o estudo ficou limitado por ser desenvolvido em uma determinada área geográfica do nordeste do Brasil. Porém, implica-se que esse estudo

			<p>contribuirá para um dimensionamento dos saberes do enfermeiro sobre as peculiaridades do transtorno do autismo e o seu reflexo no seio familiar, como também proporcione uma reflexão dos enfermeiros da prática, ensino, pesquisa e gestão sobre novas estratégias de aperfeiçoamento de ações e intervenções de saúde, como, por exemplo, a construção de núcleos educacionais.</p>
Revista Baiana de enfermagem/2018	Transtorno do espectro autista: Detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família.	BVS	Percebeu-se estratégias e intervenções do enfermeiro sobre sinais e sintomas para a detecção do autismo; foi

			<p>relatado a dificuldade de detecção precoce do transtorno. Utilizou-se estratégias como por exemplo: da “observação direta”, onde o profissional acompanha o peso, a altura, a amamentação, a alimentação, a presença de comportamentos inesperados entre outros. A “estratégia da percepção”, onde o profissional visa detectar as dificuldades da criança autista como dificuldades pedagógica e neurológica de aprendizagem. Revelou-se também como estratégia considerar parâmetros para</p>
--	--	--	--

			avaliar a ausência de sinais esperado para a idade.
Revista saúde e pesquisa -PR/2018	A enfermagem no cuidado da criança autista no ambiente escolar.	BVS	<p>Foi utilizado pela enfermagem a estratégia de observação sistemática da realidade, sem a intenção de testar hipóteses, mas estabelecendo relações entre os achados da realidade com bases teóricas pertinentes.</p> <p>Os benefícios obtidos a partir do acompanhamento deste estudo foram: a melhoria do desenvolvimento social da criança; o aprimoramento da leitura e escrita, bem como participação durante a aula; melhora da linguagem e expressão, e</p>

			<p>diminuição da irritabilidade.</p> <p>Porém ressalta-se a necessidade de treinamento e capacitação de professores, educadores e profissionais de saúde, inclusive os enfermeiros, a fim de estabelecerem estratégias adaptativas para crianças com TEA, buscando a conquista da autonomia para a inserção no ensino regular no meio social.</p>
Revista de atenção primária à saúde (APS)/2021	Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras.	LILACS	Foi utilizado entrevista individual semiestruturada anterior e, posteriormente, a aplicabilidade do IRDI (Indicadores de risco para desenvolvimento infantil), com

			<p>observação direta e utilização de um diário de campo para acompanhamento da consulta de puericultura da(o) enfermeira(o) com o uso do instrumento de triagem IRDI. A escolha em utilizar o IRDI neste estudo em vez do M-Chat se deu pelo fato desse instrumento abranger uma faixa etária da criança menor que 18 meses, em que as consultas de puericultura com a enfermeira são mais frequentes.</p>
<p>Revista de pesquisa cuidado é fundamental online/2015</p>	<p>Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil;</p>	<p>BVS</p>	<p>O enfermeiro se utiliza de instrumentos como a realização de consultas, elaboração de diagnósticos, assim como à</p>

			prescrição de enfermagem em toda a assistência.
--	--	--	---

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022

A partir do quadro 2 percebeu-se que dos 6 artigos selecionados, 50% foi selecionado na base de dados BVS, 17% da base de dados SCIELO, 33% da LILACS. Nos estudos foram detectada educação em saúde relacionada a detecção, promoção e tratamento para pessoas autistas, usando recursos e métodos diferenciados para conseguir os principais objetivos, nos quais se destacam as principais estratégias utilizadas pela enfermagem.

5. DISCURSÃO.

Com o objetivo de aprimorar a concepção das estratégias utilizadas pela enfermagem encontradas nos estudos, foram abordadas as principais e mais utilizadas estratégias que proporcionam melhoras significativas para a pessoa acometida pelo TEA.

Segundo Sena et al. (2015), a análise e assistência do TEA pode ter uma grande contribuição do enfermeiro, estudando os comportamentos das crianças, através de consulta para observar o crescimento e o desenvolvimento, bem como, prestar assistência aos pais oferecendo suporte e comunicando-os quanto as dificuldades e processos assistenciais que os profissionais enfermeiros utilizarão no método de cuidar da criança com autismo. Então, necessita-se que haja uma conversa detalhada da assistência de enfermeiros a pessoa com autismo, contribuindo para um diagnóstico mais assertivo, detectando as vulnerabilidades, possibilitando a probabilidade da prática profissional.

Sena et al. (2015), afirma ainda que é essencial o profissional enfermeiro está conectado diretamente com a pessoa autista e seus familiares, visto que o enfermeiro deve manter um olhar mais cauteloso ao realizar os cuidados da enfermagem, sem nenhum preconceito, vigilante às deficiências do autista e as suas dificuldades, sendo que em grande parte existirá o obstáculo de se expressar oralmente para a pessoa com TEA, ficando o enfermeiro responsável por ouvir e

proporcionar os devidos cuidados. É importante conhecer mais a fundo, enxergar bem mais do que o que está a nossa frente, ver no interior o que a pessoa autista está mostrando e sentindo, prestar assistência ao autista vai mais além do que apenas um simples atendimento, deve-se conhecer a natureza humana para se aplicar um ótimo plano de cuidado.

Em contrapartida Ferreira; Franzoi (2019), indaga que os enfermeiros em graduação demonstram poucos conhecimentos voltados ao TEA, visto que pouco se é abordado sobre o tema ainda na formação acadêmica, conseqüentemente dificultando a detecção de vulnerabilidades relevantes, principalmente, no que se refere aos sintomas e tratamento. Com isso é de suma importância falar sobre os TEA ainda na formação do enfermeiro, a fim de que os acadêmicos, que serão novos profissionais de enfermagem, apresentem mais tranquilidade e discernimento para efetuar uma assistência íntegra e fundamentado nas manifestações.

Em consequência de tudo isso, percebe-se que pouco se explana ou até mesmo nem se aborda sobre o TEA no decorrer da formação acadêmica, que deixa o profissional desprovido de conhecimento e despreparado para conseguir dar conta das demandas dos autistas e dos familiares, com isso é indispensável avaliar a abordagem da temática no decorrer da graduação para compreender onde começa essa carência de informação, à vista disso, conclui-se que há uma grande necessidade de ser explanado esse tema no decorrer da graduação (JENDEREIECK, 2014).

Algumas dificuldades do profissional enfermeiro são citadas em alguns artigos, visto que há uma certa carência no que tem relação com capacitação e roteiros que facilitem a detecção precoce do autismo. De fato, pouco se aborda sobre a questão do TEA principalmente na formação acadêmica, assim fazendo com que muitos enfermeiros no início da profissão tenham um pouco de receio ao público autista, tendo que aprender na vivência após a graduação.

De acordo com Almeida et al (2018), o enfermeiro tem que oferecer um bom auxílio ao autista e sua família, demonstrando firmeza e conhecimento a todos durante a assistência prestada. Precisa em todo tempo encontrar-se alerta aos sinais e sintomas do autismo e conseguir separar de outras síndromes. Os pais devem ser encorajados a levar seus filhos para ser tratados, assim como, aconselhar os pais a buscar toda ajuda necessária, como conhecer outros pais que

também tem a mesma vivência para trocarem conhecimentos que possam ajudar uns aos outros.

De acordo com Nascimento et al. (2018), que fundamentou o estudo sobre a detecção precoce do enfermeiro dos TEAS, o profissional de enfermagem precisa dispor de conhecimentos para visualizar sinais que permitem basear o diagnóstico do TEA, como por exemplo: dificuldade em compartilhar brinquedos, isolamento, movimentos repetitivos, comportamentos estranhos e agressivos, brincar de forma diferente, e dificuldades no sono e na amamentação.

Já para Mapelli et al. (2018), além de haver contradição em determinar e fechar o diagnóstico do transtorno no meio desses profissionais, também se ocasiona suspeitas e imprecisões quanto à eficácia da assistência prestada, a família de pessoas autistas, se deparam com os relatos de profissionais de saúde que não confirmam o diagnóstico da criança, orientando a ela o contato com dois profissionais para tentar se ter uma certeza do diagnóstico.

Com isso, é importante destacar a importância do enfermeiro na assistência e no diagnóstico precoce do autista. Para que então, se consiga garantir de forma considerável, estudos a respeito da assistência de enfermagem de qualidade. E assim, garantir que, tanto criança, quanto pais, demonstrem estar seguros e tranquilos para tratar as várias circunstâncias geradas recorrentes a vivência desse transtorno.

É de suma importância que o profissional enfermeiro tenha uma prática para os esclarecimentos necessários, tirar as dúvidas e medos dos familiares que estão inseridos no ambiente de vivência do autista, e com isso conseguir diminuir tanto as dúvidas quanto os medos perante os familiares. O enfermeiro deve estar em constante atualização profissional referente a prática, ensino, pesquisa e gestão diante de novidades relacionadas a estratégias de aprimoramento de ações e intervenções de saúde (PINTO et al, 2016).

Diante de tudo isso, percebe-se a importância de desenvolver mais estratégias voltadas para a assistência de enfermagem individual e singular que beneficie o autista, assim como a utilização de ferramentas educacionais que ajudam no auxílio dessas estratégias.

Deste modo, podemos ponderar que as estratégias citadas neste estudo, utiliza-se de inovações no cuidado em saúde a pessoa autista, dessa forma

contribuindo na qualidade e efetividade do cuidado de maneira a proporcionar uma qualidade de vida mais saudável.

Sustentado a esta linha de pensamento, Corrêa; Gallina; Schultz (2021), reconhece que o enfermeiro deve estar em contínuo processo de capacitação profissional, pesquisando e reconhecendo novas estratégias voltadas ao tema proposto.

Destaca-se também o estudo de Semensato e Alves (2014), que sustenta que o profissional enfermeiro, é capaz de firmar uma ligação de confiança junto à família, e sendo componente importante da equipe da Estratégia Saúde da Família, consegue revelar a associação demonstrada pelos sujeitos envolvidos na assistência e a criança, facilitando especialidades para um olhar de incertezas, e com isso sendo necessário a orientação para um cuidado mais centrado aos autistas.

Portanto, destaca-se que todas as estratégias abordadas, tem um alto nível de importância, principalmente por grande parte não ser de difícil aplicabilidade e aceitação do público, ampliando ainda mais a geração de diversas estratégias aplicáveis no contexto em questão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu mostrar que são de grande valia todas as estratégias utilizadas pela enfermagem durante o atendimento a pessoa diagnosticada com TEA, uma vez que sempre auxilia no desenvolvimento do mesmo em alguma área de dificuldade a depender da estratégia utilizada.

De acordo com a hipótese do estudo pré-determinada no início do trabalho, realmente foram encontradas algumas estratégias às quais são as mais utilizadas principalmente na porta de entrada que é a Atenção Primária à Saúde.

Percebeu-se no decorrer das literaturas realizadas para a elaboração do presente estudo que, as literaturas tem buscado tratar à cerca da temática da forma mais clara e objetiva possível. Buscando expor tanto as dificuldades quanto as facilidades que os profissionais têm.

Confirmou-se que a quantidade de estudos voltados diretamente para a questão de pesquisa aqui abordada ainda são poucos, mas que cada vez mais vem crescendo com o passar dos anos as pesquisas direcionadas ao transtorno do espectro autista.

Não é primordial conhecer a existência dessas estratégias, e sim a sua aplicabilidade, eficácia, vantagens e desvantagens. Por isso o profissional

enfermeiro responsável pelo acompanhamento de pessoas com TEA desenvolve um papel fundamental nesse acompanhamento, onde por meio de atividades educativas, orientações e informações, poderá intervir na melhoria de vida dessas pessoas.

Com isso, o estudo será de grande importância, uma vez que poucos estudos abordam o tema proposto, assim o estudo acrescentará e enriquecerá um pouco mais aos profissionais enfermeiros em relação as estratégias utilizadas pelos mesmos, como também conhecendo novas estratégias para melhorar ainda mais o atendimento a pessoa com TEA, e conseqüentemente acrescentando um pouco mais de conhecimento para os profissionais enfermeiros.

Nessa circunstância, faz-se necessário atualizações e capacitações dos profissionais de saúde, como educação permanente e continuada, visando melhorar a qualidade no atendimento e conseqüentemente procurar melhorar um pouco mais a qualidade de vida desse público em questão, procurando trabalhar as estratégias citadas de educação, promoção e ação em saúde para um melhor atendimento e acompanhamento da pessoa com TEA, levando em consideração a rotina do mesmo.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). DSM-5: manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Artmed Editora, 2014.
- ARARUNA L.L.; SILVA M.C. Influência da alimentação no tratamento de crianças com transtorno do espectro do autismo. 2018.
- ASSUMPÇÃO F.B.; CRISTINA A.M.P. Autismo infantil. 2000
- BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm.
- BARBOSA A.R.C.M. O desenvolvimento de uma criança com transtorno do espectro autista (TEA) a partir de metodologias pautadas em materiais concretos: um estudo de caso. 2020.
- BARBOSA P.M.R. Autismo. Revista Educação Pública.2014
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. 2012a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso 25 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da saúde. Plano de cuidado para a atenção as pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde. Brasília, 2015.

BRITO, JMS. Importância do enfermeiro na assistência primária a criança com transtorno do espectro autista. Mossoró, 2021.

CAETANO M.; GURGEL D.; Perfil nutricional de crianças portadoras do espectro autista. Promoção da Saúde, Fortaleza, v. 31, n.1, 2018.

CUNHA E. Autismo na escola: um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Wak, 2016.

DONAVAN J; ZUCKER C. Outra Sintonia: a história do autismo Companhia das Letras, 2017.

DOS ANJOS M.F.S. Ações de enfermagem no acompanhamento de pacientes com transtorno de espectro autista. 2019.

EVÊNCIO K.M.M.; FERNANDES G.P. História do autismo: compreensões iniciais. Revista Multidisciplinar e de Psicologia. V. 31, P. 119-129. AGO. 2019.

FERNADES A.F.F.; GALLETE K.G.C.; GARCIA C.D. A importância do cuidado de enfermagem diante do paciente com espectro autista. Revista Terra e Cultura, Ano 33, ED. N°64, P. 33-41. 2018.

FONSECA E.S. Você sabe o que é o autismo? Revista de Enfermagem, 2011.

GOÇALVES T.M.; PEDRUZZI C.M. Levantamento de protocolos e métodos diagnósticos do transtorno autista aplicáveis na clínica fonoaudiológica: uma revisão de literatura. 2013.

HOFZMANN R.R. et al. Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). 2019.

JR F.B.A. Autismo Infantil. Revista brasileira de psiquiatria, p. 37-39. 2000.

JENDEREIECK C.O. Dificuldades encontradas pelos profissionais de saúde ao realizar diagnóstico precoce de autismo. Psicol Argum. 2014

LORENCETE M.D. Autismo: transtorno do espectro autista. Unesp, Botucatu. 2012.

LORENZINI E. M; SILVA E.F. Mães de crianças com transtorno autístico: percepções e trajetórias. Revista Gaúcha Enferm. 2015 ;36(1):49-55.

LOVATO J.C.; BUENO L.S.; GAEDICKE I.A.L.S. Atuação do fonoaudiólogo na equipe multidisciplinar no diagnóstico do transtorno do espectro autista: revisão de literatura. 2018.

LUKE Y, TSAI. Impacto do DSM-5 na epidemiologia do espectro do transtorno autista. 2014; 8(1): 1454-70.

MACHADO M.S.; LONDERO A.D.; PEREIRA C.R.R. Tornar-se família de uma criança com transtorno do espectro autista. 2018

MAGALHÃES J.M. et al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. Revista eletrônica trimestral de enfermeria, nº 57, P. 541-550, ABR. 2020.

MELO C.A. et al. Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo. Centro Universitário Católica de Quixadá. 2016.

NASCIMENTO Y.C.M.L. ET AL. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. Revista Baiana de Enfermagem, v. 32, 2018.

NORTE D.M. Prevalência mundial do transtorno do espectro do autismo: revisão sistemática e metanálise. 2017.

OAB, Comissão da Defesa dos Direitos da Pessoa com Autismo da Seccional. Cartilha dos Direitos da Pessoa com Autismo. Gestão 2013-2015. Brasília-DF, 2015.

OLIVEIRA A.C.A. A equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtorno do espectro do autismo. 2018

PEREIRA M.E.C. Bleuler e a invenção da esquizofrenia. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 3(1),158-163. 2000

PITA J.; MOREIRA V. Contribuições de Kraepelin, Bleuler e Bergson para a fenomenologia clínica da esquizofrenia de Minkowski. 2020.

QUEIROZ L.R. Leitura dialógica: efeitos no desenvolvimento de comportamento verbal em crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Brasília, 2017.

RAPIN I.; TUCHMAN R. F.; Onde estamos: visão geral e definições. In: TUCHMAN R.; RAPIN I. Autismo: abordagem neurológica. Tradução Denise Regina de Sales. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 17-34.

SAVALL A.C.R. Transtorno do espectro autista: do conceito ao processo terapêutico. 2018.

SCHMIDT C. Transtorno do Espectro Autista: Onde estamos para onde vamos. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 22, n. 2, pp. 221-230, abri/jun. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34651/pdf>. Acessado em 25 nov. 2021.

SEMESATO M.R., ALVES B.C. Apego em casais com um filho com autismo. Fractal Rev Psicol [Internet]. 2014

SENA F. et.al., Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online. 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa>.

SILVA A. J. O impulso vital enquanto princípio explicativo da evolução no pensamento bergsoniano. Revista Eletrônica Existência & Arte, 2(2),1-6. 2006.

SILVA L.S.; FURTADO L.A.R. O sujeito autista na rede SUS: (IM)possibilidade de cuidado. Fractal: revista de psicologia. V. 31, P. 119-129. AGO. 2019.

SILVA, M.A. Competências e habilidades dos enfermeiros no atendimento às crianças autistas. Mossoró, 2019.

VICARI L.P.L. Escolarização de alunos com TEA: práticas educativas em uma rede pública de ensino. Revista Educação Especial. V. 33, P. 2-23. 2020.